

A GUERRA INSURRECIONAL

"UMA GUERRA ABSTRATA CONTRA UM INIMIGO INVISÍVEL"

Ten-Cel CARLOS DE MEIRA MATTOS
Oficial de EM

GENERALIDADES

A Guerra insurrecional ou Guerra Revolucionária (*), como a chama Mao Tse Tung, é uma forma nova de agressão político-militar que vem sendo largamente empregada pelo comunismo internacional, comandado por Moscou, desde o final da Segunda Guerra Mundial.

Alguns escritores militares norte-americanos, como Raymond Garthoff, e britânicos, como Lidell Hart, têm procurado pesquisar o pensamento militar soviético numa tentativa de encontrar a sua verdadeira vocação doutrinária, se para a guerra direta ou para a guerra indireta. Militam a favor da tendência para a guerra direta as preocupações dos dirigentes russos de dotar o Estado Soviético de uma poderosa e moderna máquina bélica, nuclear e convencional, destas que só terão o seu emprêgo justificado em conflitos militares clássicos, em que a decisão será procurada através de batalhas de grandes proporções. Mas, ao lado dessa "corrida armamentista", verificam os observadores que, nestes últimos anos, a União Soviética tem obtido as suas mais expressivas vitórias político-militares através de um tipo de guerra indireta, a guerra fria, na qual as armas de grande poder de destruição e as grandes unidades militares não têm emprêgo.

Comparando-se e pesando-se essas duas influências, para a guerra direta e para a guerra indireta, chega-se à seguinte conclusão: — as Forças Armadas Soviéticas parecem ter a preocupação de se manterem

(*) Preferimos, para adjetivação dessa forma de guerra, a palavra insurrecional ao invés da revolucionária, apesar desta última ser mais expressiva. Isto por uma razão psicológica — estamos, nós, do Exército regular, muito mais próximos de ter que repelir uma guerra desse tipo, do que fazê-la.

Se dermos aos nossos adversários o nome de revolucionários estaremos emprestando, a nós mesmos, a designação de contra-revolucionários e, assim, dialéticamente, começaremos a perder antes de combater. Desenvolvendo-se esse tipo de Guerra num quadro de luta psicológica, ninguém pode desprezar a força dos "slogans", dos estereótipos, das palavras pré-fabricadas, enfim dos produtos do "laboratório" dialético que já foi o grande aliado do nazismo e hoje serve eficazmente ao comunismo.

aptas para a guerra direta, ao mesmo tempo em que, na periferia de seu território, desenvolvem em alto grau as condições para a execução da guerra indireta. Então, esta última é uma "guerra de exportação".

Assim, o que parecia contradição, compõe-se numa perfeita harmonização de interesses e conjugação de esforços visando a alcançar os objetivos da política soviética.

O Chefe militar e filósofo chinês Mao Tse Tung foi quem encontrou melhor explicação para a combinação dessas duas influências no quadro da estratégia soviética. Eis o seu conceito: "Em nossa guerra, o povo armado e a pequena guerra de guerrilhas, de uma parte, e o Exército Vermelho como a força principal de outro lado são como os braços de um homem. O Exército Vermelho, força principal, sem o apoio da população em armas e das guerrilhas, será um guerreiro aleijado".

Já o analista militar norte-americano Raymond Garthoff, no seu livro *Doutrina Militar Soviética*, diz: "A guerra não é o objetivo da estratégia soviética; os soviéticos preferem chegar aos seus objetivos por meios pacíficos — forçando o apaziguamento do adversário. Essa consideração tem lugar destacado na estratégia soviética e se assenta na estimativa de suas possibilidades na determinação do risco menor. Assim, o Exército Soviético é empregado, via de regra, sómente quando outros processos de menor risco não são considerados possíveis ou falharam".

Os processos de "menor risco" de que trata Garthoff são os de guerra indireta, da guerra fria.

O Coronel Suire, do Exército Francês, num estudo publicado na revista "L'Armée", afirma que a guerra indireta sempre foi a predileção dos orientais, enquanto os ocidentais só a utilizam quando forçados pelas circunstâncias. Os ocidentais, diz o autor francês, reprovam os processos de guerra indireta considerando-os uma infração das regras leais da guerra. Já os gregos a consideravam "indigna e repugnante".

Considerando os pontos de vista levantados por tantos estudiosos militares, e sobretudo observando a estratégia político-militar utilizada ininterruptamente pela União Soviética nestes últimos anos — a estratégia da guerra fria — nós somos levados a concluir que os soviéticos, por temperamento, por convicção e por cálculo, preferem os métodos de guerra indireta. Aliás, vêm êles obtendo estupendos êxitos por êsse caminho, pois em 15 anos conquistaram "mansamente" toda a Europa Oriental, a China e grande parte do Continente Asiático e conseguiram se infiltrar perigosamente, criando zonas de influência na África e na América.

A GUERRA FRIA

O processo de guerra indireta comunista, que vem sendo executado no planeta desde o final da Segunda Guerra Mundial, é conhecido pelo nome de *Guerra Fria*.

O que é a guerra fria?

E uma forma indireta e revolucionária de guerra. Visa derrotar o inimigo antes que êle possa empenhar-se em ações militares de envergadura, destruindo-lhe a vontade de lutar.

Quais as suas armas principais?

A exacerbação dos espíritos, a mistificação, a exploração das fraquezas e complexos, a desconfiança, a intimidação, o terror.

Quais as suas componentes?

A guerra psicológica e a guerra insurrecional ou revolucionária. A primeira, orientada pelos "laboratórios de ação psicológica de Moscou", tem por fim violentar as mentes e as convicções, numa manobra de rompimento espiritual com o passado, colocando, assim, os cérebros já "lavados" a serviço do imperialismo comunista. O objetivo da guerra psicológica, que sempre precede à guerra revolucionária e depois a acompanha inseparávelmente, é proceder a uma verdadeira "lavagem de cérebro" coletiva, obrigando os indivíduos visados a esquecer os seus valores morais, éticos e culturais e a incorporar a nova ideologia, com sua doutrina e dialética. A guerra psicológica, assim, busca uma ruptura mental e espiritual com o passado e a "fertilização" dos espíritos para receber com fanatismo a ideologia vermelha.

O principal instrumento da guerra psicológica é a propaganda. Esta deve utilizar todos os meios de divulgação ao seu alcance, desde a intriga "à bôca pequena" até os mais modernos recursos da imprensa (publicações, rádio e televisão), para distorcer os fatos, corromper as convicções e enfraquecer a resistência dos adversários.

Quando a ação psicológica já realizou parte de sua tarefa, criando na coletividade uma minoria de fanáticos dispostos à luta física, começa a guerra insurrecional.

A GUERRA INSURRECIONAL

Fazendo uma recapitulação didática, diremos que a Guerra Insurrecional, com a sua compaixão inseparável, a Guerra Psicológica, são as duas componentes da Guerra Fria.

Vários autores nacionais e estrangeiros já tentaram definir a guerra insurrecional e chegaram à conclusão de que se trata de tarefa difícil. Esse processo de luta manhoso, fluido, solerte, evasivo, escapa a uma definição da mesma maneira que se esconde na ação.

Tentaremos, então, apenas, conceituar o que entendemos por guerra insurrecional: é uma forma revolucionária de luta que busca, numa primeira fase, destruir a vontade de lutar de uma coletividade (pelo terrorismo, intimidações, sabotagens, guerrilhas, sempre aliados à propaganda) e numa segunda fase intenta transformar os vencidos em seus adeptos fanáticos. A Guerra Insurrecional, nestes últimos 15 anos, tem sido desencadeada, na maioria das vezes, sob a orientação de Moscou ou Pequim, e em benefício da revolução comunista mundial. Neste caso estão a Re-

volução Chinesa, as Insurreições na Grécia, Indochina, Malásia, Indonésia e Congo. As insurreições marroquina, tunisina e argelina, embora utilizando os processos ensinados por Moscou e Pequim, e estimulados pelos comunistas, não se dobraram aos interesses da Revolução Vermelha. A Guerra da Coréia pode ser considerada como uma guerra limitada convencional, pois ali predominaram os processos de guerra clássica.

ESTRATÉGIA DA GUERRA INSURRECIONAL

Na maioria das regiões, onde tem sido desencadeada, a Guerra Insurrecional tem estado a serviço dos interesses soviéticos. Ninguém de bom senso ignora, hoje em dia, que a União Soviética desenvolve uma política de grande potência. Disputa com as potências ocidentais o controle de áreas estratégicas. A dinâmica da política russa é o domínio mundial. Para alcançar esse objetivo usa como principal arma de infiltração a ideologia comunista. O Estado Soviético não é comunista, está muito longe da sociedade ideal sonhada por Karl Marx, transformou-se numa fria ditadura de altos burocratas que usa a força atrativa da ideologia vermelha para trazer para a sua órbita de poder os povos insatisfeitos da Terra.

Mao Tse Tung, que se apresenta hoje como o maior teórico da guerra insurrecional, apoiado na enorme experiência que lhe forneceu a Revolução Chinesa, diz textualmente no seu livro "Estratégia da Guerra Revolucionária na China" — "Somos contra as campanhas longas e a estratégia de decisão rápida, porque preferimos uma estratégia de guerra longa e campanhas de decisão rápida". E, mais adiante, "a nossa guerra é a estratégia de 10 contra 1 e a tática de 1 contra 10". Assim, provocando preocupações em uma área estratégica 10 vezes maior, o guerrilheiro, no campo tático, vale por 10.

Esses pensamentos do líder chinês não encerram nenhum contrassenso, como uma apreciação superficial poderia indicar, muito ao contrário, casam-se perfeitamente ao caráter propagandístico-ideológico dessa forma de guerra. A conquista da opinião pública, a conquista das mentes, na área ou país envolvido, é sempre um processo lento. Por outro lado, a ação militar revolucionária trava-se, normalmente, contra forças regulares material e tecnicamente mais poderosas e, nessas condições, somente os golpes rápidos e de surpresa poderão propiciar vantagens aos guerrilheiros.

Concluímos, assim, que à guerra insurrecional, muitas vezes, interessa uma estratégia a longo prazo, à espera dos efeitos psicológicos intencionados, entremeada de ações táticas rápidas e violentas.

O conteúdo da estratégia insurrecional é sempre muito mais político do que militar. Seu objetivo supremo é a conquista do poder político, nisso ela não difere da estratégia de guerra clássica, entretanto, nunca procura chegar a esse objetivo através de grandes e decisivas batalhas militares. Seu campo de batalha principal são as vontades, as mentes. Atua sobre as vontades, primeiramente visando tirar-lhes a capacidade

de lutar em defesa de suas convicções, neutralizando essas convicções, pelas pressões, ameaças, terror, em seguida, substituindo-as por uma nova ideologia. Age, assim, sobre as mentes em dois estágios — um destrutivo (neutralização ideológica, lavagem de cérebro) e outro construtivo (formação do militante da nova ideologia).

A estratégia e a tática da guerra insurrecional se interpenetram e se confundem sobre vários aspectos, tornando difícil uma separação.

Faremos, no entanto, uma tentativa de apresentar os *princípios estratégicos básicos da guerra insurrecional*. Alinhemos os seguintes:

Princípios estratégicos e gerais:

- Sua finalidade é o domínio do poder político.
- Seu objetivo principal é a conquista das massas.
- Sua arma mais eficaz é a ideologia comunista.
- A unidade de comando estratégico é uma das suas principais características; trata-se de uma estratégia global sob comando único (conceito leninista sobre a revolução marxista mundial).
- As massas das regiões subdesenvolvidas oferecem objetivos psicológicos mais vulneráveis à pregação revolucionária.
- Cada área visada (teatro) exigirá uma complementação da estratégia global, tendo em vista a exploração das contradições locais.

Em que pese a interação dos fatores políticos e militares no âmbito das operações de guerra insurrecional, procuramos destacar alguns princípios estratégicos nitidamente militares, entre os apresentados por Mao Tse Tung na obra já citada.

PRINCÍPIOS ESTRATÉGICOS MILITARES

— “Se bem que sejamos sempre atraídos pelo gôsto das operações ofensivas, o que mais nos convém, no quadro militar, é a defensiva estratégica alimentada por freqüentes e violentos golpes de uma tática agressiva”. Podemos nós resumir esse conceito, em nossa linguagem doutrinária, como uma acentuada preferência” pela permanente ofensiva tática no quadro de uma defensiva estratégica”; essa defensiva estratégica na área conflagrada é, de resto, a atitude que mais se ajusta aos objetivos da estratégia política a que já nos referimos, “de deixar amadurecer o fruto (a opinião pública) para depois colhê-lo sem esforço maior”.

— “Preferimos a guerra de manobra e de aniquilamento (terra arrasada), servida por uma tática de decisão rápida.”

Equivale a dizer da opção revolucionária, no quadro estratégico militar, pelo incentivo de uma variada e incansável combinação da guerrilha e do terrorismo. A primeira aparece de surpresa, destrói ao máximo e desaparece, enquanto o segundo seqüestra, assassina na calada da noite, destrói pontes, obras de arte, pontos críticos de comunicações e energia, incendeia colheitas, plantações e depósitos.

— “Preferimos as guerrilhas às organizações pesadas e lerdas.”

— "Somos contrários aos fronts definidos e à guerra de posição, porque preferimos os fronts flutuantes e a guerra de movimentos (manobras)."

— "Somos contra a retirada do inimigo, porque somos partidários da guerra de aniquilamento."

— "Somos contra as colunas errantes, porque consideramos as fôrças revolucionárias como um organismo de propaganda popular e um fator de organização de um poder popular local."

— "Somos contra as instalações logísticas importantes porque preferimos as retaguardas leves."

Passemos, agora, à aplicação, ao campo da tática.

A TÁTICA DA GUERRA INSURRECIONAL

Apresentaremos, em seguida, alguns postulados principais da tática revolucionária. Combatendo sempre contra fôrças regulares muito mais poderosas, as guerrilhas não podem jamais enfrentá-las em campo aberto e em operações clássicas.

Os guerrilheiros têm que saber usar uma tática de astúcia e de fintas. Evitam engajar-se em combate. Golpeiam de surpresa, com violência, e desaparecem.

Uma das principais características do combate das guerrilhas é a fluidez, é a capacidade de atacar sem se aferrar e sumir. A conquista tática do terreno não interessa, o que interessa é manter a inquietação permanente na área, até a conquista da população (pela fadiga, pela intimidação, pelo terror). Conquistada a população para a causa revolucionária, estará dominada a região ou país.

Mao Tse Tung, na sua obra já citada, oferece-nos inúmeros conceitos sobre a tática insurrecional.

Vejamos os principais:

"Se o inimigo avança, nós nos retiramos;

Se o inimigo se entrincheira, nós o inquietamos;

Se o inimigo está esgotado, nós o atacamos;

Se o inimigo se retira, nós o perseguimos."

Buscando ensinamento em outra fonte de experiência; podemos reproduzir aqui alguns tópicos das instruções baixadas pelo Comando Militar das Fôrças Revolucionárias do Vietnam do Norte para as suas guerrilhas:

"Combater sempre com inteligência (tática de ardil, escaramuças e emboscadas).

Procurar, infatigavelmente, conservar a liberdade de movimentos.

Estimular no guerrilheiro a vontade de atacar (atacar sempre, no avanço, na retirada, nas linhas de combate ou nas retaguardas).

Manter o espírito de resolução (não tardar, não hesitar, não vacilar).

Saber guardar o segredo.

Agir sempre com rapidez, fazer da rapidez o elemento essencial da surpresa).

Fazer a guerra do extermínio total (impôr o terror nas fileiras inimigas e na população não colaboracionista).

Recorrendo-se ao manancial da experiência francesa encontraremos, também, proveitosas lições. Os franceses, como se sabe, suportaram neste após-guerra as seguintes operações insurrecionais: na Indochina durante 10 anos, na Tunísia e no Marrocos, e na Argélia já há 7 anos. Podemos dizer que a experiência gaulesa foi intensamente aplicada no sentido de criar uma doutrina antiinsurreccional daí extraíndo os processos de combate contra os guerrilheiros.

Devemos à "verve" de um General francês esta extraordinária conceituação da guerra insurreccional: "É uma guerra abstrata contra um inimigo invisível". Realmente, esse inimigo invisível vem obrigando a França a manter na Argélia um efetivo de 500.000 homens de forças regulares, com pesados ônus financeiros e estratégicos, não só para a França, mas também para a OTAN, onde os efetivos franceses no sistema defensivo europeu estão reduzidos em face de seus problemas na África do Norte.

Analizando-se a tática da guerra insurreccional nos seus aspectos tão variados e desconcertantes chegamos nós às seguintes conclusões:

- é uma tática de fintas;
- todo seu êxito reside na surpresa;
- não se ajusta a um quadro operacional clássicamente ofensivo ou defensivo, mas ataca e defende alternativamente por meio de ações rápidas e momentaneamente decisivas, no interior da área contaminada (daí a outra denominação em voga, de guerra de superfície);
- o êxito tático é obtido através da freqüência das ações violentas (de vaivéns) conduzidas, pelas guerrilhas, que deve corresponder sempre a um maior estímulo à desobediência e às adesões da população civil da área;
- seu objetivo é conquistado quando a adesão em massa da população civil da área conflagrada torna impossível o exercício da autoridade legal na mesma.

Nos seus últimos estágios a guerra insurrecional possibilita a criação de um governo revolucionário local (e isto aconteceu na China e Indochina) e este procura obter seu reconhecimento legal de parte de governos exteriores. Nessa fase as guerrilhas tendem a se transformar em exércitos populares. Estes, à medida que se firma o governo revolucionário, começam a se aproximar das formações regulares, organizando-se em Batalhões, Regimentos, Grupamentos Táticos, Divisões, etc. No final da guerra da Indochina o Exército Popular da República do Vietnam já estava organizado em divisões ligeiras, disposta de infantaria, unidades de reconhecimento, artilharia, engenharia e aviação.

C O N C L U S Ã O

As Fôrças Armadas dos países democráticos, na presente conjuntura internacional, devem estar preparadas moral e tecnicamente para enfrentar o grave problema da guerra insurrecional. São elas o alvo mais visado desde o início, pois sendo um dos sustentáculos do regime, senão o mais importante, enquanto se mantiverem coesas e leais à democracia o objetivo totalitário não será alcançado.

Primeiro indício de reação revolucionária contra as Fôrças Armadas dos países democráticos é no campo da propaganda. Os agentes subversivos, muitas vezes infiltrados nos próprios órgãos de imprensa democrática, começam a campanha de desmoralização contra as Fôrças Armadas, visando a isolá-las da simpatia e do apoio populares. A tecla mais batida por essa propaganda é sempre a mesma: a inutilidade sócio-econômica das Fôrças Armadas, o seu "pêso-morto" no orçamento nacional, sua mentalidade fascista e a reacionária, etc. O que nunca falam é sobre a inutilidade, as despesas e o papel reacionário das mais numerosas fôrças armadas do mundo, da URSS e da República Popular Chinesa. Fazem parte dessa campanha propagandista insurrecional as insinuações constantes sobre diminuição de efetivos, de redução do tempo de serviço militar, de extinção da obrigatoriedade do serviço militar em casernas, da transformação dos quartéis em escolas, etc. Uma idéia fundamental preside essa campanha insidiosa nos países democráticos, o enfraquecimento das Fôrças Armadas, quer desprestigiando-as perante a opinião pública, quer reduzindo, paulatinamente, a sua capacidade física de manter a ordem e as instituições. Essa fase propagandística já é a guerra insurrecional nos seus albores, que, como vimos, dá grande valor às conquistas psicológicas.

Mas, não bastam às fôrças regulares, principalmente aos exércitos das nações democráticas, manterem-se moralmente coesos: — cumpre estarem capacitados tecnicamente para repelir as ações de força intencionadas por terroristas e guerrilheiros, que seguem à fase de propaganda.

Os exércitos das nações democráticas já sentiram a necessidade de rever sua doutrina e seus processos de emprêgo a fim de se capacitarem a responder à ameaça insurrecional, cada vez mais presente e atuante.